

**CULTURA DE UMA ESCOLA TÉCNICA PORTUGUESA
NOS ANOS 1950 — A ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL
ALFREDO DA SILVA**

**CULTURE OF A PORTUGUESE VOCATIONAL SCHOOL
IN THE 1950S – THE ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL
ALFREDO DA SILVA**

***CULTURA DE UNA ESCUELA TÉCNICA PORTUGUESA
EN LA DÉCADA DE 1950 – ESCUELA INDUSTRIAL Y
COMERCIAL ALFREDO DA SILVA***

José Manuel Matos^I

Elmha Coelho Martins Moura^{II}

^IUniversidade Nova de Lisboa, Lisboa – Portugal. E-mail: jmm@fct.unl.pt

^{II}Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Paraná – Brasil. E-mail: elmhac@yahoo.com.br



Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Resumo

Este artigo tem a finalidade de exemplificar a cultura de escolas técnicas portuguesas na década de 1950, recorrendo ao caso da Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva (EICAS) da vila do Barreiro, em Portugal. Baseamos a investigação no referencial teórico da cultura escolar/culturas escolares. Metodologicamente este trabalho é um estudo histórico documental de caso: a EICAS. Nesse sentido, fizemos uso de documentos *recolhidos* no arquivo da Escola, nas Bibliotecas da Secretaria-Geral do Ministério da Educação português e na Câmara Municipal do Barreiro bem como de entrevistas. Empregamos a *matriz operacional para o estudo da cultura de escola* (MOECE), com o propósito de caracterizar a cultura da EICAS. Assim, *detectamos* marcas distintas e traços fundamentais culturais dessa Escola, no que se refere às categorias: finalidade e missão; normas, valores e crenças; redes sociais; rituais, tradições e cerimônias; histórias e histórias de vidas e identidades. A EICAS assumia-se como uma escola de formação profissional a serviço das necessidades dos empregadores e das aspirações dos jovens da região.

Palavras-chave: Culturas Escolares. Ensino Técnico. Historia da Educação.

Abstract

This article aims to exemplify the culture of Portuguese vocational schools in the 1950s, using the case of the Industrial and Commercial School Alfredo da Silva (EICAS) in the town of Barreiro, Portugal. We base research on the theoretical framework of school culture / school cultures. Methodologically this study is a historical documentary case study: the EICAS. We used documents collected in the archive of the School, the Libraries of the General Secretariat of the Portuguese Ministry of Education and the City Hall of Barreiro, as well as interviews. We employed the operational matrix for the study of school culture (MOECE), to characterize the culture of EICAS. Thus, we detect distinct brands and fundamental cultural traits of this School, regarding the categories: purpose and mission; Norms, values, and beliefs; social networks; Rituals, traditions, and ceremonies; Stories and stories of lives and identities. EICAS was a vocational training school serving the needs of employers and the aspirations of young people in the region.

Keywords: School Cultures. Vocational Teaching. History of Education.

Resumen

En este artículo se pretende ejemplificar la cultura de las escuelas técnicas portuguesas en la década de 1950, utilizando el caso de la Escuela Industrial y Comercial Alfredo da Silva (EICAS) de la localidad de Barreiro, Portugal. Basamos la investigación en el marco teórico de la cultura escolar / culturas escolares. Metodológicamente este trabajo es un estudio histórico documental de caso: el EICAS. En este sentido, hemos hecho uso de los documentos recogidos en el archivo de la escuela, en las Bibliotecas de la Secretaría General del Ministerio de Educación de Portugal y el Municipio de Barreiro, así como de entrevistas. Empleamos la matriz operativa para el estudio de la cultura escolar (MOECE) con el fin de caracterizar la cultura de la EICAS. De este modo, encontramos distintas marcas y rasgos fundamentales culturales de esta escuela, por lo que respecta a las categorías: propósito y misión; normas, valores y creencias; redes sociales; rituales, tradiciones y ceremonias; historias, e historias de vida e identidades. El EICAS se asumió como una escuela de formación profesional para dar servicio a las necesidades de los empleadores y las aspiraciones de los jóvenes en la región.

Palabras clave: *Culturas escolares. Educación técnica. Historia de la Educación.*

1 Introdução

Com a aprovação do Estatuto do Ensino Técnico Profissional em 1948, o Ministro Pires de Lima pretendia dotar Portugal de um sistema de formação profissional após os quatro anos do ensino primário que acompanhasse as tendências de desenvolvimento do pós-guerra (Carvalho, 1996). Com as suas escolas próprias, esta reforma do ensino técnico previa diferentes tipos de cursos. Por um lado, um Ciclo Preparatório genérico de dois anos após o ensino primário e que dava acesso a Cursos de Formação específicos e depois a cursos de acesso ao ensino profissional médio. Por outro, cursos elementares frequentados em simultâneo com uma prática profissional ou cursos mais especializados de formação de

capatazes¹ ou chefes de oficinas. Em paralelo com o ensino técnico existia o ensino liceal para o acesso às universidades.

Recorrendo ao caso da Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva (EICAS) da vila do Barreiro situada na parte sul do estuário do rio Tejo, em frente da cidade de Lisboa, este artigo pretende exemplificar a cultura de escolas técnicas portuguesas dos anos 1950 desenvolvida na sequência da Reforma Pires de Lima. Essa Escola foi objeto de estudo de Moura (2016), que realizou uma análise comparativa do ensino de matemática da Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva com a Escola Técnica Nacional (ETN), localizada na cidade do Rio de Janeiro no Brasil.

Para alcançar o objetivo desse artigo basear-nos-emos, em primeiro lugar, em um enquadramento teórico da cultura de escola. Será Dominique Julia o primeiro a argumentar sobre a importância do conceito de cultura escolar no seu artigo *La culture scolaire comme objet historique* (1995) e avança uma definição:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas sociopolíticas ou simplesmente socialização). (Julia, 1995/2001, p. 10)

Como aponta Antonio Viñao Frago (Viñao Frago, 2007), importa distinguir entre cultura escolar, transversal a todas as escolas e culturas escolares, no plural, porque diferenciadas para cada escola. Será este último conceito que aqui utilizaremos. O termo cultura é polifacetado e quando o aplicamos a escolas pode ser entendido como algo abrangente que influencia e determina não só o dia a dia escolar: de que falam os seus docentes, os gestores, o pessoal administrativo, ou os alunos, qual a sua vontade de mudar, como é a prática de ensino, como se vestem os seus membros, quais as pequenas histórias que são contadas e recontadas nos recreios, no refeitório, nas salas de professores; mas também dimensões que já não são do âmbito do cotidiano: a visão sobre as finalidades da escola, o caminho para o sucesso escolar, a relação com o meio envolvente, ou com as todo-poderosas administrações locais ou centrais.

¹ Termo utilizado nos documentos e literaturas do ensino profissionalizante, Portugal e Brasil, ao se referir a formação de capataz: profissional responsável em administrar um grupo de trabalhadores, por exemplo na oficina, e na indústria.

Para caracterizar a cultura da EICAS durante os anos 1950 recorreremos à *matriz operacional para o estudo da cultura de escola* (MOECE) desenvolvida por Joana Castro (2016) e que caracteriza a cultura de escola segundo seis categorias: finalidade e missão; normas, valores e crenças; redes sociais; rituais, tradições e cerimônias; histórias e histórias de vidas e identidade.

Metodologicamente este trabalho é o estudo histórico documental de um caso (McCulloch, 2004), a Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva entre os anos 1953 e 1955. Recorremos quer à documentação recolhida na atual Escola Básica e Secundária Alfredo da Silva, nas Bibliotecas da Secretaria-Geral do Ministério da Educação português e da Câmara Municipal do Barreiro, quer a entrevistas.

Assumiram especial relevância neste trabalho três *Relatórios das Atividades Escolares* referentes aos anos letivos 1952/3, 1953/4 e 1954/5 escritos pelo primeiro Diretor da EICAS, José Roque Abrantes Prata, professor de português. Estes Relatórios, apoiados em outros Relatórios elaborados por cada professor, eram obrigatoriamente produzidos no final de cada ano civil e tinham uma estrutura similar. Apreciavam o equipamento da escola, o pessoal docente e não docente, teciam considerações sobre o funcionamento das diversas disciplinas incluindo o aproveitamento dos alunos, relatavam as atividades circum-escolares e terminavam dando conta do funcionamento da Comissão de Patronato. Os exemplares datilografados conservados no arquivo do Ministério da Educação eram os enviados para os serviços centrais e incluem as apreciações manuscritas dos responsáveis do Ministério.

2 Finalidade e missão

A categoria *finalidade e missão* integra o conhecimento da história da escola, analisa as opções que a escola teve de fazer para ser como é, os seus princípios, as memórias do passado e os registos dos ganhos e perdas, e que dão estabilidade à escola. (Castro, 2016).

A Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva (EICAS) foi inaugurada em 12 de janeiro de 1947. A vila tinha crescido em torno do complexo da Companhia União Fabril (CUF), o maior empreendimento industrial de Portugal da primeira metade do século XX, e de um importante centro ferroviário de ligação com o sul do país.

Apesar da sua importância econômica, a formação técnica existente na vila era apenas a disponibilizada pelos Caminhos de Ferro de Portugal (CP). Os jovens que pretendiam seguir outras profissões deveriam efetuar diariamente um trajeto difícil e caro que incluía uma incerta travessia de barco e outros transportes para as escolas técnicas da cidade de Lisboa ou de Setúbal. Apenas existia na vila um curso da associação profissional Instituto dos Ferroviários do Sul e Sudeste.

Para estudarem em Lisboa, essas crianças, com idade a partir de 11 anos, enfrentavam sérias dificuldades quanto ao transporte e à alimentação. Num ofício reclamando a criação de uma escola técnica, a Câmara Municipal do Barreiro de 28/10/1944 retrata o cotidiano escolar destes jovens:

[Os alunos saem] em grande número do Barreiro no vapor das 6h e 50, para poderem entrar na aulas que começam às 9 horas.

Saem do Barreiro mal alimentados, chegam à capital às 7h e ½ e permanecem sem vigilância até à entrada nas aulas. Os que têm aulas que funcionem além das 14 horas, só podem regressar ao Barreiro pelo vapor das 16 h e 45, quando por vezes as aulas terminam pouco depois das 14h estando na capital sem vigilância perto de duas horas, com o perigo moral que resulta de ficarem entregues a si próprios tanto tempo. (CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO, 1946, ofício 3371 de 28/10/1944).

Segundo o mesmo ofício, os operários que desejavam aprofundar a sua formação também encontravam dificuldades. Trabalhavam na oficina até as 17 horas e tinham que embarcar no vapor das 17h 25m para frequentar os cursos noturnos. Retornavam as 2 horas da madrugada e deveriam entrar ao trabalho as 8 horas da manhã.

Não será pois de admirar que, pelo menos desde 1936, a municipalidade, os empregadores e sindicatos tenham vindo a desenvolver esforços para convencer o governo central a criar uma escola técnica na vila. E assim, em 1945 publica-se o decreto-lei nº 35.402 (Diário do Governo, 288, 27/12/1945) de criação da escola que, como vimos, será inaugurada em 1947. Logo no início, este decreto retoma as aspirações locais:

De há muito se fazia sentir na vila do Barreiro a necessidade da criação de uma escola de ensino técnico; bastará dizer que desde há anos atinge algumas centenas o número de alunos que residem naquele grande centro industrial e frequentam as escolas industriais e comerciais de Lisboa. (p. 1209).

O dia da inauguração da EICAS foi noticiado pelo jornal *O Barreiro: semanário regionalista* como sendo “O maior acontecimento de todos os tempos para o progresso moral e cultural do Barreiro” (*O Barreiro*, 4/1/1947). A reportagem ressaltou as melhorias que esse ensino técnico traria à vida local e que o evento representava um desejo realizado, de um pedido feito há muito tempo, reclamado a construção de uma escola técnica. Na inauguração, estiveram presentes, de acordo com o periódico, os Subsecretários de Estado da Educação Nacional, Leite Pinto e de Obras Públicas, Frederico Ulrich, e o Governador Civil de Setúbal, Melo e Castro. Compareceram também familiares do patrono da Escola bem como outras entidades oficiais e particulares.

A fundação da escola surge ligada, por um lado, a uma necessidade de melhoria da formação dos jovens da vila de modo a permitir a sua ascensão social conseguindo melhores empregos nas empresas locais e, por outro, às necessidades dos empregadores locais. Num ofício enviado pela Comissão de Patronato para o Ministério da Educação reclamando a melhoria da oferta educativa da Escola,

Os cursos atualmente professados naquela escola não são os que mais convêm à região que a mesma serve, por não se encontrarem em perfeita relação com o ambiente económico e social. (Relatório 1955, p. 19).

Esse duplo “mito fundador” permanece vivo, e continua a ser retomado nos argumentos apresentados nos relatórios analisados solicitando uma melhoria das instalações e um alargamento dos cursos oferecidos.

3 Normas valores e crenças

A categoria *normas, valores e crenças* está ligada aos valores praticados na escola, ao conhecimento da função da escola, e à compreensão que os atores têm do que é a escola. Interligados à finalidade e missão, as normas, os valores e as crenças dão um especial contributo ao modo de capturar o que mantém a escola como um todo.

Os valores são as expressões conscientes do que uma organização representa, não são simplesmente metas nem resultados, eles encerram o sentido mais profundo das prioridades

da escola. Sem um efetivo compromisso tudo é relativo, assim os valores focam a atenção e definem o sucesso.

As crenças representam a forma como os intervenientes na comunidade educativa compreendem e lidam com o mundo que os rodeia, estas não se baseiam em evidências, são originárias das vivências pessoais e do grupo e são estabelecidas através da história e da sua interpretação. As crenças são importantes na escola porque representam concepções fundamentais sobre a capacidade dos alunos, a responsabilidade do professor, as fontes de conhecimento dos professores, a colaboração e a ligação entre o ensino e a aprendizagem (Castro, 2016).

O decreto-lei fundador (decreto-lei nº 35.402, Diário do Governo, 288, 27/12/1945) assume-se como inovador em relação às restantes escolas profissionais públicas e antecipa em três anos a reforma do ensino técnico que apenas será aprovada em 1947 (Lei nº 2.025, Diário do Governo, 137, 19/6/1947).

A primeira inovação refere-se ao estabelecimento de um ciclo de dois anos diurno preparatório de todas as carreiras profissionais e que admitia alunos que terminassem os 4 anos da escola primária. O tema era objeto de debate nos órgãos legislativos nacionais da época, pois este ciclo era generalista e portanto culturalmente mais amplo, abrangente e humanista, o que contribuiria para aumentar a escolaridade de filhos das classes mais desfavorecidas, desiderato contrariado pela facção mais retrógrada do regime (Caetano, 2012). No início o curso era constituído pelas disciplinas Língua e História Pátria, Ciências Geográfico-Naturais, Aritmética e Geometria, Desenho, Trabalhos Manuais, Caligrafia, Educação Moral e Cívica, Educação Física e Canto Coral.

O quadro 1 mostra a frequência e o número de aprovações deste curso inicial. Ao longo dos 3 anos letivos, a percentagem de alunos aprovados (contando com os alunos do 2º ano admitidos a exame nacional) é de 70% e a maior parte das reprovações não se a abandono da escola mas a um mau desempenho escolar.

Quadro 1: Alunos matriculados e aprovados no Ciclo Preparatório do Ensino Técnico na EICAS entre 1953 e 1955.

		1952/53		1953/54		1954/55	
		n	%	n	%	n	%
1º ano	Matriculados	158		168		167	
	Aprovados	115	73%	127	76%	106	67%
2º ano	Matriculados	88		124		152	
	Aprovados	59	67%	100	80%	104	68%
Exames 2º ano	Admitidos	?		100		103	
	Aprovados	?		93	93%	86	83%

Fonte: Relatórios do Diretor da EICAS de 1953, 1954 e 1955.

Segundo o decreto-lei fundador de 1945, a escola ofereceria cursos na área de serralheria, de carpintaria e marcenaria e de comércio. Estes cursos não se limitavam a dar uma formação prática diretamente associada a uma profissão, mas também pretendiam fornecer:

elementos de cultura geral e de formação cívica, os conhecimentos que ampliam os horizontes do trabalho profissional e lhe reforçam o valor, ao mesmo tempo que o elevam pelo sentido nacional que comporta. (decreto-lei nº 35.402, p. 1210).

Para além deste ciclo preparatório, previam-se diversos tipos de cursos. As disciplinas, e os respetivos programas específicos para a escola são publicados em 1947 (Decreto nº 36.356, Diário do Governo, 138, 18/6/1947) antecipando em muito os programas da reforma de 1948 que apenas serão publicados em 1952.

Os relatórios dão conta que, entre 1952 e 1955 estão em funcionamento os seguintes cursos:

Cursos complementares de aprendizagem de serralheria (4 anos) e comércio (3 anos) em horário diurno de 12 ou 13 horas semanais destinado a aprendizes que acumulavam com um emprego.

Ensino de aperfeiçoamento (3 ou 4 anos) de serralheria e comércio com currículos semelhantes aos anteriores, mas em que os alunos maiores de 15 anos se podiam matricular por disciplinas.

Cursos de formação de serralheria (3 anos) com cerca de 40 horas semanais em horário diurno destinadas ao ingresso nas carreiras da indústria.

Refere-se ainda que em 1955 se iniciaram cursos de carpinteiro. No entanto, os cursos de caldeireiro, de costura e bordados e de eletricista nunca chegaram a funcionar, o último devido à impossibilidade de montar um laboratório adequado. Nos anos em estudo foram enviadas propostas de criação de novos cursos: eletricista, auxiliar de laboratório químico e Curso Geral de Comércio para o Ministério da Educação que vão ter atendimento parcial nos anos seguintes. Assim, a EICAS ofereceu cursos de Auxiliar de Laboratório Químico (1955/1956), Curso Geral de Comércio (1956/1957), Montador Eletricista (1957/58) e Formação Feminina (1964/1965). Mais tarde, foram acrescentados cursos de dois anos: Mecanotecnia, Eletrotécnia e Quimicotecnia (Sequeira, 1997).

Os relatórios também apresentam os resultados escolares destes cursos para os três anos referidos, revelando desempenhos piores do que os do Ciclo Preparatório que apresentamos atrás. O quadro 2 exemplifica com os resultados do Curso Complementar de Aprendizagem de Serralheria.

Quadro 2: Alunos matriculados e aprovados no Curso Complementar de Aprendizagem de Serralharia na EICAS entre 1953 e 1955.

		1952/53		1953/54		1954/55	
		n	%	n	%	n	%
1º ano	Matriculados	39		37		27	
	Aprovados	27	69%	26	70%	9	30%
2º ano	Matriculados	32		31		27	
	Aprovados	21	68%	7	23%	2	7%
3º ano	Admitidos	15		19		10	
	Aprovados	9	60%	4	21%	3	33%
4º ano	Admitidos	2		6		3	
	Aprovados	2	100%	5	83%	3	100%

Fonte: Relatórios do Diretor da EICAS de 1953, 1954 e 1955.

Os restantes cursos apresentam números similares com a relação entre alunos matriculados e aprovados a situar-se abaixo dos 50%.

O problema do abandono escolar é brevemente abordado pela Comissão de Patronato (Relatório de 1955). Segundo ela, os reduzidos tempos semanais dos cursos de formação, pensados para alunos com uma atividade profissional, não se adequavam à maioria dos alunos que efetivamente frequentavam os cursos e que não estavam empregados. Os relatórios não contemplam nenhuma problematização em relação aos 30% de alunos que, apesar de manterem a frequência das aulas, ficam reprovados no final do ano. Encontramos dois breves apontamentos contraditórios nos comentários manuscritos acrescentados por responsáveis do Ministério da Educação a dois dos relatórios. Em 1953 o comentador considera que “o aproveitamento escolar foi satisfatório”, enquanto que o de 1955 diz que “o aproveitamento escolar está longe de ser satisfatório: a percentagem de desistências e reprovações excede, de um modo geral, os 50%”. (Relatório 1953, 1955)

Embora os Relatórios não comentem globalmente os resultados escolares, encontramos apreciações pontuais sobre o desempenho dos alunos. As mais notórias são as dos professores de português sobre a expressão oral e escrita dos seus alunos.

De facto, pelo que respeita à língua materna, os alunos entram na Escola cheios de defeitos: Falam mal, leem mal, possuem um vocabulário extremamente reduzido, sentem dificuldades em interpretar, cometem constantes e graves erros de ortografia, redigem pessimamente, etc.

Nestas condições, quem ousará afirmar que bastam duas horas semanais [dos cursos complementares de aprendizagem] para corrigir tal acervo de defeitos e ministrar aos alunos uns rudimentos de cultura, cuja ausência é incompreensível em quem frequenta um curso secundário, por elementar que seja? (Relatório de 1954, p. 10).

A queixa repete-se nos outros Relatórios. Transparece a aspiração de alguns professores de que a escola possibilite uma formação cultural ampla. Outros professores assumem antes uma perspetiva mais funcionalista. Por exemplo, o Relatório de 1955 transcreve o do diretor dos cursos industriais, provavelmente elaborado pelo professor efetivo engenheiro Rui José Álvares de Almeida Martins, que, relatando o debate na reunião de professores destes cursos defende que:

o aluno seria o verdadeiro artífice da peça, idealizada na aula de Desenho e acabada na de Oficinas. Para cada tarefa distribuída, individual ou coletivamente, pressupunha-se que os conhecimentos das outras disciplinas afins (Matemática, Físico-Químicas ou Mecânica) já estavam, na maioria dos casos, suficientemente vinculados na memória dos alunos, para que o rendimento a tirar fosse o mais satisfatório possível.

Depois disto, restaria fazer uma seleção cuidadosa dos alunos, de modo a não deixar transitar de ano todo o aluno que não satisfizesse o mínimo julgado necessário a um cabal desempenho da sua profissão. Todos [os professores do 2º grupo] assentámos em que esse mínimo devia ser elevado de ano para ano, de tal forma que um diploma aqui conseguido chegasse a ser, só por si, quase uma garantia de emprego. (Relatório 1955, pp. 8-9).

A escola técnica teria pois por missão preparar bons profissionais e uma seleção cuidadosa seria adequada reprovando os menos capazes.

Não encontramos pois nos relatórios qualquer desconforto com as taxas de aprovação de menos de 50% que seriam, nos dias de hoje consideradas insustentáveis. A escola é vista como devendo simultaneamente promover uma cultura mais ampla e formar bons

profissionais. Contrariamente à cultura de outras escolas contemporâneas estudadas (Matos, 2012), a escola não assume valores relacionados com a inclusão social.

Dos Relatórios podemos conjecturar algumas normas sociais associadas a algumas disciplinas. Para além das que já referimos interligando o desenho e as oficinas, a matemática possui um carácter essencialmente prático, essencialmente em consonância com o que foi detetado em outros trabalhos (Rodrigues, Novaes e Matos, 2016) e nas disciplinas de ciências dá-se uma grande ênfase ao trabalho laboratorial.

Uma componente que se pretendia essencial da formação na Escola seria a aprendizagem efetuada em estágios profissionais a realizar em empresas da região. Apesar de a Escola funcionar desde 1947, os primeiros estágios apenas se iniciaram em 1952/53 na CUF e na CP. O Relatório de 1953 revela alguma insatisfação com o acompanhamento dos alunos nessas empresas. Em anos seguintes, apontam por um lado as limitações colocadas pela empresa ferroviária que contrastam com a grande disponibilidade manifestada pela CUF, que vai procurar corrigir as deficiências do primeiro ano de funcionamento.

No último relatório são especificadas as atividades circum-escolares da responsabilidade da Mocidade Portuguesa, órgão de enquadramento político do regime ditatorial, presente em todas as escolas. Aponta-se o melhoramento da instrução que, à semelhança de outras escolas, deveria assumir um carácter quase militar com desfiles, canto do hino, formatura para assistir ao arriar e baixar da bandeira etc. A Mocidade desenvolvia também outro tipo de atividades, como um clube de xadrez e o apoio à cantina da escola.

4 Redes sociais

Na categoria *redes sociais — colaboração, relações e meios* consideram-se as múltiplas relações que se estabelecem entre as pessoas que desempenham papéis diferentes na escola e no meio envolvente, quer a um nível formal, quer informal, e as relações com a comunidade. Para além das relações interpessoais estabelecidas, é importante conhecer as parcerias com empresas, indústrias e a integração na comunidade. (Castro, 2016).

O decreto-lei fundador (decreto-lei nº 35.402, Diário do Governo, 288, 27/12/1945) estabelece desde logo os detalhes constituintes da escola, especificando os seus órgãos pedagógicos e administrativos, e estabelecendo uma Comissão de Patronato constituída por

elementos da Câmara Municipal e das entidades empregadoras do concelho(município). Para entendermos a cultura de escola é importante conhecermos como estes órgãos se articulavam e quais os meios que tinham a sua disposição.

Abordemos em primeiro lugar os professores. Os Relatórios coincidem apontando falhas graves neste domínio. O corpo de professores tinha a composição apresentada no quadro 3.

Quadro 3: Número de professores e mestres da EICAS por categoria profissional e por ano letivo.

Categoria	Ano letivo	
	1953/54	1954/55
Professores		
Efetivos	6	6
Adjuntos	1	0
Auxiliares	1	1
Eventuais	20	25
Mestres		
Do quadro	3	4
Eventuais	4	3

Fonte: Relatórios do Diretor da EICAS de 1954 e 1955.

Todos os relatórios mencionam os inconvenientes da grande disparidade entre o número de professores com um vínculo estável à escola (os efetivos) e os restantes que apenas tinham contratos precários. O número de efetivos era muito baixo e em 1954 a chegada de mais dois professores efetivos (no ano anterior deveriam ser apenas quatro, um dos quais o Diretor) produz efeitos “na coordenação das matérias e no aproveitamento dos alunos” (Relatório de 1955, p. 6).

A precariedade dos professores conduz a que seja frequente o abandono da profissão mesmo a meio do ano letivo. O exemplo sucedido com a disciplina de Escrituração Comercial, uma das mais importantes do Curso de Formação Comercial, é apresentado no Relatório de 1954 quando em todos os anos e turmas a disciplina estava confiada apenas a um professor provisório.

Ora, este [professor], no princípio do segundo período, abandonou as suas funções docentes, sendo substituído [ao fim de 20 dias] por outro provisório. (...) Como se isto não bastasse, também este último professor deixou a Escola. Nova interrupção das aulas, novo professor, novos métodos. (Relatório 1954, p. 7).

Estava-se muito perto dos exames e a solução passou por confiar as turmas a um professor da escola que para isso deixou sem aulas até ao fim do ano escolar as turmas que lecionava. A situação é recorrente e o Relatório de 1955 dá conta que só no ano de 1954/55 quatro professores do 2º grupo abandonaram a escola a meio do ano. Ainda nesse ano, só no 1º período letivo, dos professores notificados para prestar serviço, oito abandonaram-no depois de haverem iniciado funções. Como explica o Diretor:

O professor provisório, na primeira oportunidade que se lhe depara, abandona a Escola por qualquer emprego que lhe garanta continuidade superior aos escassos 10 meses em que trabalha no Ensino Técnico (o que aliás não é difícil), mesmo que a remuneração seja algo inferior (o que raramente acontece) à que auferia pelo serviço docente. (Relatório 1955, p. 6).

Nestas condições, imaginamos que a estabilidade necessária para a construção de uma cultura de escola de sucesso tenha recaído sobretudo nos quadros intermédios, isto é, nos professores efetivos e na Direção da Escola. Os Relatórios mencionam diversas reuniões de professores para debater problemas pedagógicos bem como a sua participação em atividades escolares, desde as visitas de estudo, à Biblioteca, à exposição de trabalhos anual.

A situação do pessoal não docente da Escola era ainda mais precária. Os três Relatórios descrevem exaustivamente a falta de pessoal administrativo bem como os artifícios para conseguir gerir a Secretaria da Escola recorrendo por vezes apenas a um funcionário.

A Comissão de Patronato da EICAS era constituída pelos representantes da CP, da CUF, do Grémio do Comércio dos Concelhos do Barreiro e Moita, de representantes de

diversos sindicatos e de outras empresas da região. A EICAS mantém pois ligações fortes com o tecido empresarial da região, dando especial relevo à CUF e à CP. A primeira revela-se particularmente ativa na Comissão de Patronato, apoiando diversas iniciativas, disponibilizando estágios e apresentando em 1955 um Regulamento de Aprendizizes (Relatório 1955) respondendo assim às deficiências sentidas dois anos antes pelos alunos em estágio. Esta Comissão desempenha um papel fundamental na reflexão estratégica sobre a Escola, e é por ela que passam as propostas de modificações de cursos.

A rede empresarial de apoio à Escola não se limita àquelas duas empresas, sendo mencionadas outras empresas, uma metalúrgica, uma fábrica de cortiça e outra com um complexo químico que apoiaram diversas atividades da escola.

5 Rituais, tradições e cerimônias

Na categoria rituais, tradições e cerimônias consideram-se os rituais, as tradições e as cerimônias que assumem importantes significados nas escolas e nas comunidades. Os rituais permitem reforçar os laços culturais e refletir sobre o que é realmente importante. Eles ajudam a fazer de experiências comuns eventos incomuns, que servem para moldar para melhorou para pior a aprendizagem diária. Cada escola tem centenas de rituais (rotinas), desde o processo de acolhimento no período da manhã para os procedimentos de regresso à tarde, mas quando esses eventos rotineiros estão intimamente ligados com a missão e os valores da escola, e ligados à vocação de ensinar, contribuem para reforçar os laços culturais (Castro, 2016).

Apesar da juventude da EICAS, dos Relatórios percebe-se que a escola soube criar um conjunto de cerimônias que ajudam a cimentar uma relação de pertença com a escola que atinge os seus alunos, os professores e a comunidade envolvente. Um primeiro evento anual aguardado com alguma expectativa é a sessão cinematográfica patrocinada pela empresa petroquímica Shell Company of Portugal Lda. com filmes adaptados aos cursos industriais. Apesar de não haver um salão de festas (ou um ginásio), estas sessões são realizadas no Cinema Ginásio da vila do Barreiro.

No mesmo local decorre todos os anos uma festa de finalistas. O Diretor não esconde o seu entusiasmo com esta “tradição”:

A tradicional festa de finalistas revestiu-se de grande significado, principalmente no que respeita à sessão solene, no Cinema Ginásio. A maneira séria, absolutamente digna — íamos mesmo dizer perfeita — como foi apresentado o auto de Gil Vicente “Breve Sumário da História de Deus” valia só por si a sessão, se outros números não tivesse ainda a enriquecê-la. (Relatório 1954, p. 16).

No final do ano decorre também uma exposição aberta ao público, especialmente aos pais, dos trabalhos dos alunos.

Durante o ano decorreriam diversas “festas de turma” que contariam com a presença dos pais.

A Escola participa também das cerimônias de iniciativa governamental que decorriam em todas as escolas. Menciona-se nos Relatórios em particular a “Semana do Ultramar” que se enquadra no “patriótico movimento de propaganda das nossas Províncias de Além-Atlântico” (Relatório 1953, p. 15) e decorre com lições por parte dos professores e pequenas palestras feitas pelos alunos, tendentes a elucidar os ouvintes sobre a “unidade e cooperação entre a Metrópole e o Ultramar.” (Relatório 1954, p. 13).

6 Histórias, histórias de vidas

Na categoria histórias, histórias de vidas relatam-se histórias sobre pessoas e acontecimentos classificados em função do seu caráter épico e influência duradoura na memória dos participantes. As histórias cotidianas sobrevivem ao longo do tempo e tendem a tornar-se uma parte profunda da cultura e do capital social de uma escola. Através do contar e recontar, essas “pequenas histórias” transportam valores, transmitem moral, descrevem soluções para dilemas, e moldam a cultura. (Castro, 2016).

Este estudo não poderia ambicionar caracterizar adequadamente as histórias que compunham a cultura da EICAS da época em estudo. Incluímos apenas o depoimento de uma antiga aluna da segunda metade dos anos 1950, Zélia de Lourdes Cabrita dos Santos, aluna do curso de Auxiliar de Laboratórios de Química:

Eu gostava muito daquela Escola, para mim ela era muito boa, tinha umas boas instalações, mas na época o edifício dessa escola já era muito antigo, de estrutura velha. Com o tempo fizeram o resto, uma escola nova. Depois do segundo ano fui para a Escola nova. Agora já está reconstruída.

Na altura nós éramos poucos, quando terminou o curso éramos seis raparigas e cinco rapazes, ao todo eram onze pessoas, a turma era mista. O curso tinha muita procura, muita gente que lá esteve foi-se apresentar no Estado, o [emprego no] Estado era bom. Ah! Mas eu nunca fui para o Estado. (...)

Tínhamos a disciplina de Religião e Moral, com uns dos padres das casas de fé daqui do Barreiro. Tínhamos aula aqui na Escola com o padre Monteiro.

Estudar na Escola Alfredo da Silva era muito bom. A Escola era muito boa, estava muito bem-conceituada, mas nós não tínhamos noção disso quando lá andávamos, só quando saímos tivemos a noção de que a Escola era realmente boa. A Escola na altura era muito calma, no Barreiro era tudo muito calmo na altura, era tudo menos gente, menos confusão, nós íamos a pé para Escola. Íamos pelo caminho de ferro e passávamos por umas cancelas, porque tinha um comboio que passava de vez em quando. (Depoimento obtido a 28/10/2013, em sua residência no Barreiro)

Lá dentro, o ambiente era bom, não tenho razão de queixas e não tenho memória disso, essas coisas más é que deixam memória. Eu acho que quando as pessoas não têm a memória das coisas é porque as coisas correram bem, porque as coisas más ficam e travam as pessoas. (Moura, 2016, p. 137-138).

7 Identidade

A categoria da *identidade* é de natureza diferente das anteriores. Enquanto que estas classificam significados, interações, crenças etc. aquela centra-se na arquitetura, nos artefatos físicos, nos símbolos, no seio dos quais todas as outras ocorrem. (Castro, 2016).

De acordo com a documentação recolhida, a EICAS iniciou o seu funcionamento numa casa situada no complexo da Capela de Nossa Senhora do Rosário do Barreiro. Foram realizadas obras de adaptação, mas ficaram as expectativas de novas obras de restauro, adaptação e complemento das instalações.

Desde sua inauguração a Escola passou por diversas adaptações, até que sofreu uma intervenção mais profunda para servir adequadamente uma população escolar de mais de 1.500 alunos. Nos anos abrangidos pelos Relatórios é patente a grande insatisfação com as instalações. As carências incluem o insuficiente número de salas de aula, as turmas sobrelotadas, o mau estado da instalação elétrica que impossibilitava um adequado funcionamento das oficinas, a ausência de salas próprias para a disciplina de Desenho que decorria num barracão sem luz e finalmente a ausência de um ginásio.

A Escola passou por duas construções: a primeira fase (1954-1956) da construção do primeiro “Corpo de Aulas e das Oficinas” e a segunda fase (1956-1958) do segundo “Corpo de Aulas”.

8 Em conclusão

A EICAS é, entre 1953 e 1955 uma pequena e jovem escola técnica, a larga distância das suas congêneres espalhadas pelo país. No entanto, embora não tivesse ainda passado sequer uma década sobre a sua inauguração em 1947, conseguimos observar como ela está a construir a sua marca distintiva, e já é possível detectar os traços fundamentais da sua cultura de escola.

Em primeiro lugar, a EICAS assume-se como uma escola de formação profissional ao serviço das necessidades dos empregadores e das aspirações dos jovens da região e pretende ter um papel relevante quer no desenvolvimento econômico, quer na promoção social da população.

Em segundo lugar, é uma escola em construção. Literalmente em construção, com demolições a decorrer e novos pavilhões a surgir. Mas também a tentar construir os intangíveis de uma cultura de escola, com as suas tradições, rituais, histórias e outros. Aqui um corpo docente estável desempenha um papel importante. Se o problema das instalações ficará resolvido no final da década de 1950, o do corpo docente permanecerá. Embora não possuamos dados específicos para a EICAS, a falta de professores com formação científica e pedagógica adequada apenas deixará de ser significativa no final da década de 1980 e a EICAS não deverá constituir uma exceção.

Do que conhecemos da Escola atual, essa cultura estabeleceu-se e mantém-se viva até hoje, embora com as alterações decorrentes da gradual extinção dos cursos técnicos a partir de 1976. Apenas podemos conjeturar que apesar dos 30 anos de instabilidade docente a cultura de escola foi sendo gradualmente constituída e transmitida pelo pequeno núcleo de professores efetivos que vão garantindo a sustentação das tradições, memórias e rituais, fundamentais a uma cultura de escola marcante.

Referências

CAETANO, F. P. **Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis**. O Ensino Técnico Artístico no Porto durante o Estado Novo (1948-1973). Porto: U. Porto Editorial, 2012.

CARVALHO, R. **História do ensino em Portugal desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano** (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

CASTRO, J. (2016). **Cultura de Escola e Cultura da Aula de Matemática: Ensino Elementar**. Trabalho de conclusão do curso de doutorado. Universidade Nova de Lisboa, Monte de Caparica, 2016.

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL ALFREDO DA SILVA. **Relatório das atividades escolares**. Barreiro, ano escolar de 1952-1953, ano escolar de 1953-1954, ano escolar de 1954-1955. Ministério da Educação (ME) Secretaria- Geral, Arquivo Histórico 4, cx. 1. Lisboa: Centro de Documentação e Arquivo do Ministério de Educação e Ciência.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, 1, p. 9-44. 1995/2001

MATOS, J. M. Estudos de caso de escolas de sucesso. In: J. M. Matos, J. Verdasca, M. Matos, M. E. Costa, M. E. Ferrão e P. Moreira (Eds.) **Promoção do sucesso educativo: Projetos de pesquisa** (pp. 235-273). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

McCULLOCH, G. **Education, History and the Social Sciences**. Documentary Research. Londres: Routledge Falmer, 2004.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS. **Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário**. Barreiro: Processo no 5, 1958. Lisboa: Centro de Documentação e Arquivo do Ministério de Educação e Ciências.

MOURA, E. C. M. **O Ensino de Matemática em duas escolas profissionalizantes: Brasil e Portugal, no período de 1942 a 1978**. 2016. N.º Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2016.

RODRIGUES, A., NOVAES, B. W. D. e MATOS, J. M. A cultura escolar em conflito: ensino técnico e matemática moderna em Portugal. **Revista Diálogo Educacional**, 16(48), p. 381-402, 2016.

SEQUEIRA, G. Os cursos técnico-profissionais da EICAS. In: **Livro do cinquentenário da Escola Secundária Alfredo da Silva (1947-1997)**. Barreiro: Escola Secundária Alfredo da Silva, 1997.

VIÑAO FRAGO, A. **Sistemas educativos, culturas escolares e reformas**. Mangualde: Edições Pedagogo, 2007.

Recebido em: 11/11/2016

Aprovado para publicação em: 30/11/2016

Publicado em: 20/12/2016